

## MUSICALIDADE E IDENTIDADE EVANGÉLICA: RUPTURAS, SINCRETISMOS E PERMANÊNCIAS NA JUVENTUDE EVANGÉLICA DA IGREJA CRISTÃ PRESBITERIANA DE PONTA GROSSA (2001-2010)

Regiane Ranieri Dias<sup>1</sup>  
Antonio Paulo Benatte<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar a fluência identitária recorrente no período de 2001 a 2010, dentro das produções musicais utilizadas no âmbito coletivo e individual pelo grupo de jovens evangélicos pertencentes à Igreja Cristã Presbiteriana de Ponta Grossa, por meio de um questionário destinado a estes jovens e à liderança, assim como encartes de Cd's fornecidos pelos mesmos. Considerando a música como um espaço de manifestação e formação identitária, foram selecionadas características que demonstram de que forma as produções musicais são utilizadas como ferramentas intencionais que geram a necessidade de afirmação de uma identidade, ao mesmo tempo em que são claras as manifestações de autoafirmação, que seguem um padrão que varia de acordo com o contexto social globalizante e a procura por uma afirmação identitária constante e sólida gerada como resposta diante da realidade em que estes jovens estão inseridos. O discurso produzido dentro desta forma de manifestação cultural possui características ambíguas, uma vez que ao mesmo tempo que incentiva rupturas, é sincreticamente composto, de uma forma adaptável e reinterpretada. Essa ambivalência presente nas formas de manifestar a identidade evangélica por meio da expressão musical são fatores que indicam a complexidade das identidades modernas, assim como são fortes indicadores da fluidez com que as identidades vem sido formadas, pois em meio à essa dinâmica de ideologias e práticas, compreende-se que para se alcançar uma realidade ou um grupo específico, se faz necessário o diálogo entre aspectos contrastantes envolvidos na relação sincretismo/ruptura.

O presente artigo visa discutir os aspectos identitários de um grupo social específico, formado por jovens evangélicos da Igreja Cristã Presbiteriana de Ponta Grossa, dentro do viés da musicalidade como aspecto que exprime de maneira sucinta as ideias e conceitos que envolvem a formação da identidade.

Em um contexto social amplamente globalizante, o então sectarismo que permeava os costumes e parâmetros da Igreja Evangélica se viu frente a uma sociedade dinâmica em todos os aspectos que a sustentam; os comportamentos, prioridades, dilemas existenciais, padrões, entre outros, passam ser considerados inconstantes e sofrem alterações conforme a necessidade.

Tendo a música como “espaço de apropriação” (JUNGBLUNT, 2007, p.01), as entrevistas utilizadas se direcionam para o conhecimento e a busca das práticas musicais que envolvem um grupo como um todo, assim como os encartes de Cd's fornecidos, pertencentes à integrantes da comunidade que consideraram algumas bandas como primordiais, considerando algumas faixas relevantes para despertar coletivamente um sentimento de grupo no período estudado, favorecendo assim a assimilação por parte dos integrantes do grupo de jovens.

O resultado traz uma rica variedade de manifestações que envolvem os ideais identitários que permearam as ações da juventude da época, assim como os dilemas que envolvem a relação do pertencer a algo e reciprocidade ideológica.

É importante ressaltar que o discurso evangélico presente nas produções musicais geralmente se inclina à necessidade de responder à demanda social latente, bem como se adaptar a estilos diferentes de linguagem, de liturgia e de comportamento, muitas vezes adquirindo para dentro de suas concepções identitárias algo antes considerado mundano ou alheio à sacralidade formal da Igreja. Sob esse aspecto, o sincretismo religioso e cultural é justificável para que se forme um discurso sólido (ou ao menos, durável) diante da fluidez com que as identidades e práticas se apresentam.

Observando as músicas fornecidas pelos jovens, pode-se ainda, a fim de estruturação de raciocínio, dividi-las conforme a objetividade e a função:

músicas que despertam a necessidade de uma identidade;

músicas que afirmam uma identidade;

músicas adaptadas para que os jovens se identifiquem enquanto cristãos

1 Mestranda em Ensino de História pelo programa de Mestrado Profissional em Ensino de História pela UEPG/UERJ. E-mail: regiane\_ranieri@yahoo.com.br

2 Orientador. Doutor em História pela Unicamp. Professor Adjunto do Departamento de História da UEPG e do Programa de Pós-Graduação em História da UEPG.

por meio de suas próprias práticas e linguagens.

Para entender de que forma a música exerce uma forte ligação com a formação identitária e como este tipo de manifestação cultural instiga a busca por uma afirmação da mesma, pode-se dizer que *a priori* toda música de cunho evangélico seria uma forma de fazer que os indivíduos descobrissem sua verdadeira identidade ou até mesmo a explicação para o sentido de suas vidas, por se tratar, essencialmente, de cristianismo.

No entanto, devido a uma grande inquietação da juventude perante o contexto social em que estão inseridos e sua busca por afirmação e reconhecimento, a própria Igreja traduz estes anseios, utilizando a música como forma de trazê-los à tona. A música “Quem eu sou”, produzida pelo ministério Filhos do Homem, é um exemplo clássico desta adaptação. A música consiste em três perguntas: “Quem eu sou. Quem Tu és? Quem Tu queres que eu seja?”

Ou seja, a crise identitária é assunto latente na música evangélica, fazendo com que os jovens entendam que há, naquele grupo específico, evidentemente uma forma de se saber quem somos, que dentro do discurso evangélico acaba se tornando “A” forma de se descobrir como pessoa.

Como Bauman afirma:

Final de contas, perguntar “quem você é” só faz sentido se você acredita que possa ser outra coisa além de você mesmo; só se você tem uma escolha, e só se o que você escolhe depende de você; ou seja, só se você tem de fazer alguma coisa para que a escolha seja “real” e se sustente. (BAUMAN, 2005, p.25)

Dentro do espaço de apropriação da música, a possibilidade de afirmação da escolha a ser feita a fim de sustentar uma base identitária torna-se muito mais abrangente, assim como a continuidade e a preservação de ideias que sustentem uma posição coletiva. Ou seja, através das músicas direcionadas aos jovens, o conceito original é que existe uma escolha para o indivíduo ser mais do que somente ele mesmo, um sentido que transcenda as práticas materiais e que responda de maneira prática de forma a afirmar uma identidade estimada, aceita e compartilhável.

Nesse contexto, a apropriação de ideias e formas de linguagem, bem como a continuidade de costumes e bens culturais é um fator de suma importância para que se alcance um grupo ou certa faixa etária específica.

No entanto, essas práticas e vivências (muitas vezes antagônicas às práticas religiosas) das quais os jovens partilham experiências e valores sofrem um adaptação para serem entendidas como aceitáveis, quase que como uma “informalidade sacral”, como afirma Sanchis: “É a reinterpretação que vai permitir uma convivência não-explosiva de universos abstratamente contraditórios” (SANCHIS, 1995, p.3).

## A NECESSIDADE DE AFIRMAÇÃO

As músicas direcionadas aos jovens, e que possuem como ideia principal gerar uma necessidade de afirmação, geralmente procuram situá-los em meio a sua própria realidade, para então direcionar uma escolha ou uma possível saída.

Como visto anteriormente, a letra da música “Quem Eu sou”, por si mesma, já levanta o questionamento acerca da realidade de cada jovem presente numa reunião coletiva ou celular (reunião que acontece dentro dos lares); mas. No entanto, não possui nenhuma função além de despertar esta consciência para posteriormente incumbir a outras letras o papel de sustentar uma autoafirmação.

Observando o trecho da música a seguir, pode-se identificar estes aspectos de forma esclarecedora:

A gente só andava doidão,  
Valores todos trocados.  
Qualquer estrada que a gente pegava  
Dava em lugar nenhum!  
Tô na contramão do sistema!  
Na contramão do sistema!  
Tô na contramão!  
Na contramão do sistema!

Você não pode viver de mentiras,  
Tem que cair na real!  
Você decide a vida que quer levar  
Ou a vida te leva...” (BUSSINGUER, 2015)

A ideia que permeia toda a letra da música baseia-se no fato de que o indivíduo-alvo deste estilo musical está de alguma forma perdido em meio às concepções de vida que lhe foram apresentadas em seu convívio social. O “andar na contramão do sistema” denota o tipo de relação identitária que se quer formar.

Dentro do processo dinâmico que envolve o discurso identitário evangélico, ser antagônico ao sistema (neste caso, às práticas consideradas não cristãs), não significa romper totalmente com suas práticas de vida, como sugere Bauman (2005, p.33):

“No admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam”.

Dessa forma, percebe-se que no desenrolar do dilema identitário de um jovem face a uma “modernidade líquida”, existe uma escolha, uma decisão; como um vir a ser consciente por parte do indivíduo que se declara pertencer a um grupo a partir de um certo momento. A mudança dos valores invertidos se faz a partir do convívio social com pessoas do mesmo grupo e do discurso formado pela liderança, assim como pelas próprias práticas adotadas em celebrações para que seja criado um ambiente propício para a adaptação do jovem.

Com isso, instala-se uma ambiguidade em relação à identidade do jovem evangélico, ou seja, ao mesmo tempo em que existe uma ideia de ruptura em relação às práticas que antecedem a inserção no grupo, ambivalentemente existe uma natureza sincrética envolvida nas apropriações existentes com relação às antigas concepções de vida. Isso significa afirmar que o campo das ideias que envolvem a formação de uma identidade religiosa que seja aceitável, precisa dialogar tanto com as continuidades como com as descontinuidades.

Um exemplo dessas práticas se faz, por exemplo, no andamento das celebrações, como afirmou uma jovem entrevistada: “(...) porque era uma época com cultos para jovens/adultos aos sábados que preservavam um momento de louvor e adoração com liberdade de expressão durante as ministrações e com o uso de equipamentos diferentes para um culto tradicional, como o gelo seco. Isso permitiu transparecer que o jovem evangélico também é ‘cool’.” (Informação verbal)<sup>3</sup>.

De forma semelhante, o então conhecido Ministério Diante do Trono, proveniente da Igreja Batista da Lagoinha, em Belo Horizonte, citado também por um dos entrevistados, exerce um papel de destaque na construção e adaptação da identidade evangélica por meio da música neste período. Seu modo de expressão, de linguagem e musicalidade se tornou um sinônimo da “expressão evangélica de ser” em meados de 2001, numa abrangência notável, considerando a extensão do território brasileiro. Neste sentido, é importante ressaltar que tal abrangência não significa que a identidade evangélica se fez, por assim dizer, materializada por este Ministério.

Muitas foram as denominações (em geral, as de base tradicionais que não apresentam características sincréticas marcantes, apresentando inclusive certa resistência), como por exemplo a Congregação Cristã no Brasil que não se utilizavam de sua produção musical.

No entanto, a característica marcante da maior parte das produções deste famoso Ministério de Louvor é a de ser feita de maneira a direcionar o público para um rompimento identitário impactante ligado diretamente à formação de um “novo ser”. Nessa ruptura com as antigas noções identitárias, segundo Sanchis (1995, p.47), “A identidade pentecostal demarca os campos e define uma adesão exclusiva. A opção é de um Sujeito, que assume uma identidade única, identidade que repercute na totalidade de uma orientação existencial, que ela organiza”.

Com base na letra desta música produzida e interpretada pelo Ministério Diante do Trono, Insaiciável, pode-se reconhecer tais aspectos:

Desde que Te encontrei nunca mais fui o mesmo  
Em tudo mais que procurei só achei desilusão  
Mas em Ti descobri o sentido da vida  
Perdão e a paz que sarou minhas feridas  
Nada neste mundo me satisfaz  
Te quero mais e mais. (BESSA, 2001)

Dentro destes aspectos, se estabelece uma ruptura determinada a partir do “abandono” de práticas e princípios considerados *a priori* como não pertencentes ou inadequados aos padrões de afirmação da comunidade, em prol de reconhecer-se como parte de uma comunidade que lhe trará estabilidade de natureza semelhante ao convívio familiar, como em um processo de adoção.

Pode-se afirmar, então, que o referencial ético ou moral que foi adquirido anteriormente a esta ruptura não possui relevância, pois o “real” sentido só será vivido a partir das novas apropriações que lhe serão apresentadas, e por que não dizer, impostas.

É nessa linha de raciocínio que Bauman descreve “a atual ascensão espetacular dos fundamentalismos”:

Não surpreende que para muitas pessoas a promessa fundamentalista de “renascer” num novo lar cordial e seguro, do tipo familiar, seja uma tentação da qual é difícil de resistir. Poderiam ter preferido outra coisa à terapia fundamentalista — uma espécie de segurança que não exija apagar a sua identidade e abdicar de sua liberdade de escolha —, mas essa segurança não está disponível. (BAUMAN, 2005, p.53)

3 Entrevista concedida a Regiane Ranieri Dias, em 01 de Abril de 2015. Acervo da pesquisadora

## IDENTIDADE POR MEIO DE AFIRMAÇÕES

Antes de estabelecer as diferentes formas de apropriação utilizadas por meio da música neste grupo específico, é preciso compreender primeiramente que, mesmo se tratando das manifestações culturais de um grupo denominado “evangélico” (e aqui, não se trata de buscar a compreensão propriamente epistemológica da palavra), se faz necessário o resgate de parte do contexto histórico em que esse grupo está inserido.

De uma maneira ampla, o cenário no qual este grupo está inserido compreende a modernidade contemporânea: dentro da complexa constituição do contexto nacional, os jovens cristãos presbiterianos se encontram diante de uma realidade globalizante, onde os meios de comunicação se tornam cada vez mais interativos e as culturas antes apenas observadas como “atitude do outro” são colocadas em confronto com as suas próprias realidades.

Bauman (2005, p. 57), procurou definir este momento globalizante como um “período de acelerada liquefação das estruturas e instituições sociais” e dentro desta ideia está a concepção do líquido porque não possui uma forma constante, mudando sua definição mediante a pressão ou forças externas. Dentro deste raciocínio, as definições de grupo ou comunidade, demonstrados pela maneira como se identificam ou se afirmam, acabam se tornando um reflexo desta modernidade; as identidades religiosas são então afirmações instáveis, frutos desta nova complexidade de interações.

O final do século XX e o início do XXI foi marcado pela difusão das culturas, o que, para alguns autores, foi uma das forças geradoras da então “crise identitária”, como afirma Hall (1992) ao falar dos efeitos da globalização sobre as identidades:

Como conclusão provisória, parece então que a globalização tem, sim, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e “fechadas” de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. Entretanto, seu efeito geral permanece contraditório. Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de “Tradição”, tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas. (HALL, 1992, p. 24)

É neste via do sentido amplo de possibilidades

de afirmações identitárias que estão baseadas as letras utilizadas dentro dos rituais de comunhão, nas reuniões chamadas celulares, e individualmente, a fim de estabelecer o vínculo de apropriação no ambiente doméstico, visto que a prática religiosa não se desvincula da vida cotidiana.

Fica notória a utilização de afirmações plurais, assim como a utilização do enredo como forma de resgate de algo que se perdeu. Letras como a de “Espelhos Mágicos”, da banda evangélica Oficina G3, traduzem esta intenção de afirmar a identidade jovem da época, de forma construtiva, afirmando apenas um rompimento ou ruptura de sua vida anterior, uma desconexão com suas antigas concepções.

Uma das jovens entrevistadas, ao fazer menção de músicas que afirmaram sua identidade enquanto jovem cristã, mencionou esta música como exemplo de união, ou que induz esse tipo de sentimento identitário. Um exemplo de uma apropriação coletiva sincrética, por se tratar da “aglutinação”, conforme as definições de Sanchis (1995, p. 01), do rock como manifestação cultural aceitável conforme o contexto histórico da época, e, portanto, gerador de práticas estéticas e identitárias específicas.

Ao mesmo tempo, é um exemplo de ruptura, no sentido de conversão e nova vida, realidades do ideário evangélico; no entanto, no que se refere à musicalidade, seu sentido está muito mais para a aproximação, como afirmou Sanchis (1995, 125-131): “Desse modo, a música e o espaço para o seu consumo exemplificam esse movimento de encontro e ressignificação”.

Os homens e seus espelhos mágicos  
Nada veem além de si mesmos.  
Se esqueceram daquele que um dia,  
Esteve entre nós, e que veio cumprir  
Segundo já estava escrito:

Nasceu, sofreu, morreu por nós  
Seu sangue lá na cruz derramou.  
Na cruz lutou, na cruz venceu,  
E sua vida nos deu pra que a vida estivesse em nós.  
Estivesse em nós.

Os homens e seus espelhos mágicos  
Só veem um Cristo vencido em dor.  
Não conhecem a cruz vazia,  
Pois ressuscitou.  
E nem o toque de vida,  
Do filho do amor. (AFRAM, 1999.)

Observando a letra, logo uma questão prática deve ser esclarecida: o que o autor quis dizer quando fala dos “homens e seus espelhos mágicos”? Muitas são as interpretações possíveis, mas o significado que mais fornece lógica ao sentido da música



confere aos “homens e seus espelhos mágicos” uma definição da sociedade alheia à ruptura e à nova vida proposta logo em seguida no decorrer da música.

Da mesma forma, os “espelhos mágicos” sugerem a ideia do cerimonialismo ritual, da magia, e ainda, dos primeiros europeus que ofereceram seus objetos aos indígenas nativos (no caso, seus espelhos), ou até podem ser feitas relações com a Igreja Católica Romana.

Não está em questão conferir o significado dos espelhos, mas sim entender que trata-se de uma metáfora ligada às práticas sociais da sociedade, dentro de suas múltiplas manifestações.

Ao dizer, por exemplo, que estes homens não conhecem a “cruz vazia”, a ideia principal é que muitos conhecem a cruz com o Cristo crucificado, mas não conhecem uma prática de vida baseada numa nova concepção deste mesmo símbolo.

Claramente, há uma ruptura com a Igreja Católica, no sentido de confissão e denominação, mas não simbolicamente. O símbolo da cruz, por exemplo, permanece, entre outras funções, como uma reaproximação do homem com Deus, e também como forma de sincretismo que “ad-vém”, na confluência sincrônica de várias identidades” (SANCHIS, 1995, p.46)

É dentro dessas práticas que se percebe as características identitárias deste grupo como parte de um discurso ambivalente, mas que se orienta em torno da possibilidade da coerência. Por este motivo, as diferenças ou ideias que porventura poderiam gerar discussão ou divisão acabam passando como fatores a serem superados, subestimados, em prol de se atingir um vínculo que gere ao menos o sentimento da totalidade, uma flexibilidade identitária adequada aos discursos inconstantes da modernidade:

Ocorre, contudo, que a faca da identidade também é brandida pelo outro lado — maior e mais forte. Esse lado deseja que não se dê importância às diferenças, que a presença delas seja aceita como inevitável e permanente, embora insista que elas não são suficientemente importantes para impedir a fidelidade a uma totalidade mais ampla que está pronta a abraçar e abrigar todas essas diferenças e todos e seus portadores. (BAUMAN, 2004, p.83)

Ocorre que a fluência identitária dentro de uma comunidade de valores e definições inquestionáveis e bravamente resistindo na sua imutabilidade, como uma comunidade religiosa, só pode ser entendida historicamente dentro do contexto globalizante da época. Para que uma Igreja de cunho cristão con-

tinuasse produzindo um discurso que gerasse uma orientação para o sentido da vida, era necessário, antes, se reorientar. Esta reorientação se deu, primeiramente, no sentido que Bloch (2001, p. 56) denomina “O Ídolo das Origens”, não necessariamente se tratando de uma produção historiográfica, mas de uma produção de sentido.

## AFIRMAÇÃO LIGADA À VOLTA ÀS ORIGENS

Uma identidade que fosse essencialmente totalizante só se tornaria socialmente aceitável se houvesse uma explicação comum. Neste sentido, uma origem comum simplificada e romantizada se materializou de tal forma, que boa parte dos entrevistados, ao mencionar a palavra “identidade”, se referiram a uma só música, que globalizava todas as outras. Isso porque, para que uma identidade se torne consistente, deveria voltar a uma “essência” que fosse imutável diante das coisas mutáveis de seu tempo. A essência se resume na pessoa de Jesus Cristo. A origem explica e orienta simultaneamente.

Quando a música esmorece  
E o resto desaparece  
Simplesmente a Ti me acheço  
Ansiando oferecer algo de valor  
Pra abençoar teu coração.  
Mais que uma canção eu Te darei  
Pois apenas uma canção  
Não é o que queres de mim  
Mais profundo buscas, Senhor  
Do que os olhos podem ver,  
Queres meu coração

Estou voltando à essência da adoração  
E a essência és Tu, a essência és Tu, Jesus  
Ó, me perdoa pelo que eu fiz dela  
Quando a essência és Tu, a essência és Tu, Jesus

Rei de imensurável valor  
Ninguém pode expressar  
O quanto és digno  
Embora eu seja pobre e fraco, tudo que tenho é  
Teu  
Cada fôlego meu (REDMAN, 2015)

Uma comunidade “essencialmente cristã” talvez seja a maior bandeira ou afirmação diante das possibilidades. A religião cristã, de base num fundamentalismo por assim dizer intrínseco, ou seja, se baseia em fundamentos básicos para gerar convicção e ser portadora de uma força geradora de fé, define sua identidade em algo imutável, para que não sofra distorções ou hibridismos.

É importante salientar que essa letra, frequentemente utilizada em cerimônias que uniam todos os jovens da comunidade, acabou por se tornar uma máxima, um sinônimo de “sentimento” comum, que é de romper com todas as culturas impostas ao indivíduo durante sua vida, bem como suas apropriações. Uma ruptura radical. Aliás, o termo “radical”, como pode se observar no próprio encarte da produção do autor da música, é frequentemente associado aos próprios jovens. Dessa forma, o “adorador radical” é resultado do rompimento de práticas religiosas, discursos prontos, fórmulas de vida cristã. Uma forma de se manter longe de qualquer fluidez pós-moderna.

Agindo como força contrária às figuras assimiladas dentro dessa lógica, estavam a imensa diversidade cultural, aqui configurada como prática social humana, trazidas pelos jovens, anteriormente às rupturas características geradas pela “conversão”. Ainda citando Bloch, quando da utilização da origem para explicar uma realidade histórica: “Significa simplesmente começo? Isso seria quase claro. Com a ressalva, entretanto, de que, para a maioria das realidades históricas, a própria noção desse ponto inicial permanece singularmente fugaz (...)” (BLOCH, 2011, p.56)

É seguindo esta forma de afirmação que as manifestações simbólicas, decorrentes das apropriações ligadas à musicalidade, acabam tomando uma forma específica; alguns entrevistados ligaram a identidade jovem do período como sendo uma “paixão”. Muito mais do que entender o sentido da palavra, o novo molde, por assim dizer, da juventude evangélica na comunidade, era o de um novo ser tomado por uma paixão pela própria pessoa de Cristo.

Logicamente, todo o imaginário produzido a partir da ideia principal, nesse caso, o de viver uma paixão, se reproduz diretamente no comportamento individual e coletivo. Ao mencionar o *ethos* de um grupo específico, acerca do aspecto que se torna “intelectualmente razoável”, Clifford Geertz delineia esta faceta de realidade como uma manifestação cultural formada de grupos que “(...) apoiam essas crenças recebidas sobre o corpo do mundo invocando sentimentos morais e estéticos sentidos profundamente como provas experimentais da sua verdade”. (GEERTZ, 1989, p.67)

Um sentimento profundo capaz de englobar jovens dentro de uma faixa etária específica (16 a 22 anos aproximadamente), num contexto da modernidade globalizante, em muitos aspectos tão envolvente que é capaz de fazer com que os anseios da

própria juventude sejam absorvidos extrinsecamente para dentro de um novo sistema simbólico, só poderia se traduzir na experiência arrebatadora da paixão.

Como pode-se perceber nesta letra, também citada por jovens entrevistados:

Estou apaixonado, estou apaixonado,  
Estou apaixonado, por Ti Jesus.  
Jesus meu amor maior, Jesus meu amor  
maior (QUINLAN, 2015)

A letra da música, na primeira pessoa do singular, por si já representa a identidade a ser afirmada e apropriada. Muitas são as vezes em que os versos se repetem, de forma cansativa, funcionando como uma espécie de mentalização e autoafirmação. Ou seja, mesmo que o sentimento conferido à letra não seja a realidade de alguns indivíduos, ele se torna a realidade dos mesmos: a partir do momento em que se apropriam da proposta, a nova realidade torna-se, então, inquestionável. Um sistema simbólico tipicamente religioso.

A ideia principal que emerge desta construção é a do sincretismo. Sincretismo esse que gira em torno dos aspectos culturais e psicológicos anteriores à inserção no grupo. Não se trata apenas do que o jovem acreditava, ou de suas convicções, mas do que o mesmo sente em seu cotidiano, que muitas vezes não é compreendido. Filmes, novelas, o poder influente da mídia em geral. Os jovens da década anterior flutuam perante novas concepções de cultura e sociedade; novas formas de comunicação cada vez mais modernas entravam em seus lares. E ainda, novos padrões estéticos, a concorrência intelectual e profissional, o mal estar perante a “liquefação”, como afirma Bauman, dos relacionamentos vistos como duradouros e a rapidez de iniciar um relacionamento e rompê-lo com facilidade. Neste contexto, sentir-se apaixonado por algo que lhe dá a explicação e a resposta para todos os anseios, é, no mínimo, acolhedor.

A maior afirmação identitária que se pode compreender dentro de um ritual religioso é a capacidade de aproximar o metafísico da realidade. É por isso que a auto afirmação proposta anteriormente em uma letra em primeira pessoa, se delineia novamente numa forma mais totalizante e envolvente. Unindo dados escatológicos, apropriações bíblicas latentes da época ao então cenário destradicionalizante das gerações recentes, uma letra que funciona como verdadeiro símbolo desta fluidez identitária, e

neste caso, facilmente lembrada como tal, se chama “Este é o som da Sua Noiva”:

Este é o som da tua noiva.  
Este é o som da tua igreja.  
Apaixonada, fascinada.  
Este é o som da tua noiva.  
Este é o som da tua igreja.  
Apaixonada, fascinada por ti.  
Vem Jesus e toma o Teu lugar.  
Vem Jesus, vem dançar.  
Corações apaixonados,  
Corações entrelaçados,  
O meu e o Teu, meu amado e eu. (QUINLAN, 2001)

Claramente, uma forma de perceber o nível do qual a então ruptura com o mundo exterior, se propõe a enaltecer. Uma manifestação metafísica chamada dentro das cerimônias e rituais dentro de uma perspectiva individual e coletiva simultaneamente. A paixão antes meramente humana torna-se o pano de fundo para uma experiência metafísica a nível de relacionamento. Em meio ao caos do “mundo”, uma nova forma de ser evangélico responde e reorganiza as práticas sociais, uma concepção de realidade fruto de sincretismos e rupturas.

Logo, a então fragilidade das identidades reflete diretamente nas concepções de eternidade, algo que parece tão distante e imutável, pode ser provado na vivência humana, servindo principalmente ao individualismo latente. A modernidade, ao que parece, não está fora da comunidade religiosa, no entanto é esta que responde às novas demandas sendo que:

Dado o seu caráter relativamente frágil e transitório, tudo o que não seja a sobrevivência do indivíduo parece um mau investimento. Sua única utilidade sensata é servir à sobrevivência do indivíduo. Seu gozo e satisfação potenciais são mais bem saboreados e consumidos imediatamente, na hora, antes de começarem a esmaecer, como decerto ocorrerá. (BAUMAN, 2005, p.80)

Neste amplo espaço de apropriações, cabe trabalhar em quais momentos da produção musical evangélica utilizada para jovens, pode-se perceber com insistência a presença de agentes sintetizadores que trafegam entre um aspecto e outro, tornando o indissociável em aceitável e passível de apropriação, e ao mesmo tempo, mantendo características setárias.

Partindo desse ponto, é que podem ser percebidas novas formas e tentativas de apropriação por meio da música que procuram adaptar essencialmente o cristianismo, mas dentro de seu tempo. Como indagou Bauman (2005, p. 48): “Em resumo:

como alcançar a unidade na (apesar da?) diferença e como preservar a diferença na (apesar da?) unidade.”

## A IDENTIDADE RELIGIOSA MODERNA E O HIBRIDISMO CULTURAL

De que forma podem ser construídos aspectos identitários para jovens que não firmam sensivelmente os padrões pregados pelas Igrejas Evangélicas por anos, sem contudo permanecer inerte às dinâmicas da modernidade?

Por se tratar de uma comunidade jovem de maior número na cidade de Ponta Grossa, pode-se considerar que suas apropriações identitárias não resultaram de uma intenção puramente individual. Faz-se necessário entender que muitas manifestações identitárias de menor ou maior porte, também foram notáveis no contexto nacional. Jovens evangélicos afirmando-se como cristãos sem, no entanto, aderir a um cerimonialismo, ou à regras estéticas e, por que não dizer, estáticas demonstraram seu ideário, perceptível em meados de 2006. Jungblunt, em pesquisa sobre os aspectos identitários e musicais dos jovens evangélicos no âmbito nacional, explicita aspectos definidores desta nova face identitária:

Mídia, marketing, computação, Internet, artes visuais, moda estética moderna, músicas profanas, estilos e comportamentos de vanguarda, rapidamente são incorporados, ressemantizados ou instrumentalizados individual e institucionalmente por crentes e grupos de todas as vertentes evangélicas para incrementar a pregação e divulgação do Evangelho (JUNGBLUNT, 2007, p.145)

Neste aspecto, esta incrementação de natureza sincrética pode ser muito mais significativa e notável dentro dos meios de reprodução musical do que em ícones ou signos geradores de significado.

Isto porque a música em si denota uma importância única por ser um “espaço de apropriação”, como afirmou Jungblunt (2007), e também uma forma sincrônica de cultura. A música abre o espaço para compreender uma temporalidade, um contexto social específico. Todas essas peculiaridades históricas são passíveis de desconstrução em uma produção musical; letra, harmonia e ritmo são criados para um propósito e de acordo com a carga cultural de seu ou seus produtores.

O próprio estilo underground<sup>4</sup> evangélico, aspecto identitário de característica peculiar que gera

muitas discussões, é um exemplo de como uma identidade comum pode ser descrita ou percebida por meio de sua produção musical e vice-versa. Logicamente, existem outros aspectos estéticos e simbólicos que fazem parte do todo identitário. No entanto, é na música que se manifestam as apropriações de linguagem, de prática e também de imaginário.

Seria, no entanto, pretenciosismo afirmar que podem ser percebidas claramente a ponto de definir onde se inicia uma identidade comum e até que ponto já se torna outra característica identitária distinta. As identidades acabam que por tecer uma teia muito complexa. Sincretismos e rupturas são possíveis de ser entendidas como parte de trama ambivalente das identidades.

É numa forma híbrida de culturas que são compreendidas as letras que serão apresentadas a seguir, que são formas de manifestação identitária, mas também um apelo para a definição de uma “nova” identidade a ser definida:

Sem Jesus você pirou,  
Sem Jesus você marcou  
Num mundo sem verdades,  
Sem solução pra dar  
A vida sem Jesus é dura de amargar  
Frases incompletas, roupas invertidas  
Você é bola fora, procure se encontrar (TULLIO, 1999)

Dois aspectos podem ser percebidos na utilização desta música para as reuniões da juventude; o primeiro e mais notável é a utilização de gírias comuns à juventude da época. Uma forma de assimilar as gírias para atrair jovens e ao mesmo tempo atribuir uma nova face à identidade evangélica.

O significado desta apropriação consiste principalmente na ideia de que as características religiosas brasileiras consistem especificamente de uma natureza “estruturalmente sincrética” ou “ecleticamente religiosa”, de acordo com Sanchis. Vale dizer que a identidade evangélica não poderia possuir outra formação, senão a de uma forma assimilada e reconstruída, proveniente de práticas existentes e que constituem fatores de significado para uma faixa etária.

As gírias utilizadas, como “pirou” e “marcou”, indicam muito mais do que uma intenção, mas uma tendência de apropriar-se do outro a fim de criar um novo significado. Não se trata somente de uma mistura pura e simplesmente, ou de um aglomera-

do de palavras soltas, com um fim estético ou um modismo de época, mas de uma tentativa de ressignificação, como Sanchis descreve o sincretismo religioso brasileiro:

Pergunto-me se não seria possível fazer o conceito de sincretismo sofrer um análogo tratamento. Sua abordagem não procuraria mais diretamente identificar confusões e misturas, paralelismos inovadores e empréstimos — muito menos degradações — entre elementos de conjuntos religiosos, ou até entre estes conjuntos como sistemas, mas, num primeiro momento, se aproximaria do fenômeno como de um universal dos grupos humanos quando em contato com outros: a tendência a utilizar relações apreendidas no mundo do outro para ressemantizar seu próprio universo. (SANCHIS, 1994, p.2)

Compreende-se que este tipo de formação identitária surge como uma resposta à nova complexidade social da modernidade latente: os jovens desta década possuem várias opções identitárias e procuram afirmar-se em uma que os represente como um todo, sem no entanto abrir mão de características identitárias pré-concebidas, e que porventura seriam consideradas incabíveis ou inadequadas para o meio social religioso em décadas anteriores, por se tratar de algo “mundano” ou alheio ao meio sacralizado da Igreja.

Seguindo este raciocínio, o segundo aspecto deste tipo de afirmação identitária encontra-se numa forma distinta de “contracultura evangélica”, um termo utilizado por Jungblunt (2007) para definir as tendências identitárias dos jovens evangélicos no cenário *underground*.

De uma forma bastante sintetizada, consiste basicamente na compreensão do mundo exterior e seu conjunto de significados como a cultura dominante. Ser contracultural seria definir práticas e significados antagônicos, como uma forma de protesto e resistência. Ser “bola fora” e ter “roupas invertidas” são características definidoras desta cultura de inversão.

Uma busca identitária um tanto paradoxal, pois como se pode observar as letras musicais, utilizadas a fim de definir uma identidade relativamente híbrida, acabam por gerar rupturas inevitáveis, quer estética, comportamental ou linguisticamente.

Ou seja, na música, mesmo que se definam características, símbolos e frases de efeito com o poder de definir a identidade jovem do evangélico neste período, e que contenham uma natureza sincrética, a tendência do discurso leva a rupturas de

4 Underground significa subterrâneo, em português, e é usado para chamar uma cultura que foge dos padrões normais e conhecidos pela sociedade. É um ambiente com uma cultura diferente, que não segue modismos e geralmente não está na mídia.



práticas advindas.

As mesmas formas ambivalentes de afirmação podem ser observadas nesta letra intitulada “Papo de Lóki”:

A gente tá mal  
O que fazer da gente  
A gente tá down  
Nada levanta a gente  
OHOHOHOHOH...  
A gente escutou  
Alguém falou pra gente  
E a gente pensou  
A gente vai virar crente (YEAH!)  
OHOHOHOHOH...  
A gente mudou  
Ninguém reconhece a gente  
A gente pirou  
Agora a gente é crente  
OHOHOHOHOH...  
Agora a gente é lóki.... (RESGATE,2015)

Virar crente, como diz a letra, consiste em ser ‘lóki’. Uma afirmação identitária significativa, pois para esta comunidade de jovens é preciso que haja uma desenvoltura capaz de dialogar com os diversos aspectos da cultura que envolve o jovem em seu cotidiano, na sua vida ordinária e, ao mesmo tempo não negar princípios e valores cristãos definidores, quase uma incorporação identitária.

Na prática, o então sectarismo da Igreja Evangélica neste período se desfaz perante a dinâmica das identidades. Na teoria, trata-se de adaptação, aceitação, em nome de um bem maior, de alcançar os perdidos, ou de se apropriar da melhor maneira possível da ideia concebida biblicamente de reter o que é bom.

De maneira sucinta, a melhor definição para explicar a complexa rede da identidade religiosa é a noção do “emparelhamento”. Bauman (2005) procura demonstrar este cenário de diálogo e exclusão, respectivamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma aglutinadora, por assim dizer, das identidades modernas, podem ser facilmente detectadas nas apropriações de cunho religioso. Este, por sua vez, adquire, na complexidade das dinâmicas sociais embebidas de valores e conceitos historicamente construídos, uma natureza sincrética de forma muito peculiar.

Isto se deve principalmente por se tratar de práticas humanas; uma vez adquirido um conceito ou um sistema simbólico, a própria circularidade

de ideias, justapostas ao fundamentalismo existente no cristianismo, dado o complexo contexto da modernidade, onde esses mesmos sistemas, práticas e fundamentos são evidenciados pelos sistema de comunicação, bem como pelas relações geradas pela globalização, definir uma identidade que seja considerada suficientemente consistente a ponto de não se modificar com o tempo, se torna uma possibilidade quase abstrata.

No que concerne à identidade deste grupo de jovens, dada sua especificidade, os aspectos extrínsecos da variação identitária não são fatos ou contextos isolados. Fazem parte da constituição identitária religiosa no âmbito nacional e internacional.

Isso não significa afirmar que os indivíduos envolvidos neste processo tinham a percepção de que estavam “apropriando-se de apropriações”, ou que podiam escolher como deveriam afirmar-se, ou seja, que cada um tinha uma consciência histórica deste processo, mas sim que as variedades de concepção cristã de existência lhes foram apresentados para fins de assimilação e não de contestação. Sendo assim, formada uma identidade que atenda aos anseios do grupo, qualquer ameaça à estabilidade coletiva possui duas reações distintas, que se associam conforme a necessidade: assimilação e ruptura. O resultado é uma nova identidade latente, híbrida, muitas vezes ambivalente.

Por se tratar de definições existenciais, é nítida a tentativa de conciliar valores arraigados ao cristianismo com valores e práticas geradas exteriormente; por isso a identidade evangélica relacionada à juventude se torna ambígua e instável. Característica identitária notável, de acordo com Bauman (2005, p.83): “A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resolvida a ser devorado...”

Essa recusa a ser devorado se torna um conflito de ideias tão fortemente presente no discurso evangélico que foi denominado por Jungblunt (2007, p.155) como “contracultura evangélica”.

A ideia principal está na tentativa de utilizar-se da afirmação identitária como uma reação frente a práticas anteriormente apropriadas, consideradas dominantes, mas que sofreram uma ressignificação, e portanto são consideradas contrárias às ideias originais.

O resultado destas apropriações geralmente são sectarismos de característica temporal, seus limites se delineiam constantemente conforme o conteúdo

identitário precisa ser reformulado e readequado. Seguindo o ideário de Bauman, é como um líquido que é derramado sobre um recipiente: irá adquirir um formato anteriormente almejado, dobrando-se até se tornar uniforme. Características imutáveis não podem mais constituir a face identitária evangélica, romper com uma ideia original definitivamente parece inadequado.

Por isso, ao se adaptar a um novo recipiente, a tendência é evitar que novos modelos de recipientes se formem. No entanto, estes mesmo recipientes (ideais identitários) parecem formar uma complexa rede interligada que sustenta a fluidez identitária.

A reação prática são tentativas de exclusão, radicalismos identitários, fundamentalismos e extremismos. A ambivalência identitária gera, neste contexto, possibilidades de polos opostos:

A ambivalência contínua resulta em dissonância cognitiva, estado mental notoriamente aviltante, incapacitante e difícil de aguentar. Traz, por sua vez, o repertório usual de estratégias atenuantes, entre os quais o rebaixamento, o menosprezo e a depreciação de um desses dois valores inconciliáveis constituem o recurso mais comum. (BAUMAN, 2005, p.98-99)

Quando se trata da temática das identidades, deve-se ainda considerar que mesmo dentro do processo de formação de identidade, evangélica e jovem, no caso, não existe uma coerência ou uma lógica a ser seguida. Ou seja, muitas vezes o que pode ser reconhecido e detectado não é somente uma identidade comum, mas várias identidades que surgem a partir dos próprios indivíduos.

Além de buscar sincronia e conveniência na delicada tarefa de definir a identidade do grupo, ainda deve-se considerar as variáveis individuais provenientes das apropriações resultantes; um conjunto novo de identidades muitas vezes múltiplas, vindas de um indivíduo, consequentemente pode alterar as ressignificações que já foram feitas.

É nessa complexidade identitária que podem ser compreendidas as diversas ambiguidades de discurso e de prática, que claramente geram confusão, dando uma ideia de desconexão. O que na verdade parece desconexão é nada mais do que uma grande “costura” no meio do tecido diversificado da identidade.

O que pode ser entendido como uma notável reação a esta relação complexa das identidades se traduz numa visão para fora, numa preocupação

muito mais com o exterior do que com as relações complexas geradas com o convívio social. A identidade fruto de sincretismos e rupturas se reconstrói no sentido de um grupo de indivíduos historicamente marcantes, capazes de alcançar muitas pessoas por meio de seus testemunhos. Assim, buscando uma orientação individual dentro da coletividade, a fim de abarcar as múltiplas identidades constituídas.

Ao entrevistar a líder dos jovens da então rede Rabone, nomeação deste grupo na atualidade, que possui cerca de 2000 jovens, acerca das músicas que elevaram os indivíduos a um espírito de grupo e de união, sua resposta é definidora: “Foram muitas músicas marcantes durante este período, mas tem a música: ‘Escreverei a história de Deus nesta nação’, foi uma das mais marcantes, pois fez os jovens gerarem em seu coração e em seu Espírito um desejo de marcar sua geração, E quando temos o mesmo foco e os mesmos sonhos, isto gera em todos uma mesma unidade de Espírito e de conquista.”<sup>5</sup>

Possuir um mesmo foco consiste em direcionar o grupo não para o que se é, uma tradução adaptada do “Ide” cristão de uma forma idealizadora e marcante ou o que se almeja ser, mas para o que está para fora, alheio à realidade vivida pelo:

É verdade que se o povo orar  
Céus se abrirão, reinos tremerão?  
Sim é real, e nisso eu creio  
Eu vivo pra Ti  
Vivo pra Ti

É verdade que se o povo orar  
Mortos vão viver?  
Cegos hão de ver?  
Sim é real, e nisso eu creio  
Eu vivo pra Ti  
Eu vivo pra Ti

Escreverei a história de Deus nesta nação  
Proclamarei a todos os povos a sua Lei  
Vou me erguer, sim vou correr, correr para Ti  
Correr para Ti

É verdade que se nos levantarmos  
Com o poder de Deus e a Palavra em mãos  
Os milagres, sim, vamos todos ver  
Quebrantados vão a história fazer  
Sim é real, e nisso eu creio  
Eu vivo pra Ti  
Vivo pra Ti” (SMITH, 2015)

Logicamente, não são levadas em conta questões como aculturação e diversidade cultural. A história proposta neste caso se refere à atitudes objetivas marcantes, evangelização e missão, no intuito de unificar ideias em torno de um alvo único.

5 Entrevista concedida a Regiane Ranieri Dias, em 24 de Junho de 2015. Acervo da pesquisadora.

Com isso, nota-se de forma notável que existe a tentativa de ajuste identitário, em nome de um objetivo maior, evitando assim os contrastes e contradições.

No entanto, a ambivalência na formação identitária do grupo nem sempre encontra respostas ou caminhos óbvios. Como estabelecer uma lógica coerente entre uma concepção sincreticamente construída a fim de se obter uma ruptura? Ou, de se estabelecer uma concepção claramente sectária, mas que possui traços de resignificação?

Nem mesmo uma elite intelectual pode definir os critérios que dialoguem com tal ambiguidade. Pois onde se veem as contradições, aí está o terreno próprio da identidade. Na dialética de seus termos, na incongruência de seus resultados.

A partir da necessidade de se afirmar num grupo, a identidade composta pela música flutua entre afirmar, resignificar e romper, quase ciclicamente, não necessariamente nesta ordem.

Esta complexa rede de apropriações é reconhecida por Bauman(2005) como uma “genuína confusão”:

Se você deseja que eu ate os muitos fios que começamos a tecer, mas na maioria dos casos deixamos soltos, eu diria que a ambivalência que a maioria de nós experimenta a maior parte do tempo ao tentarmos responder à questão da nossa identidade é genuína. A confusão que isso causa em nossas mentes também é genuína. (BAUMAN, 2005, p.105)

Neste embate identitário, o que realmente deve estar submerso nesta fluidez tão grande de concepções e apropriações são as noções de diálogo, sensatez, evitando sempre extremismos e radicalizações. É conceber a ideia de que não se pode abarcar tantas variações e muito menos, evitá-las. Sabendo costurar e remendar, a fim de obter um rede complexa, porém ricamente composta.

## REFERÊNCIAS

AFRAM. Juninho. Juninho Afram. **Espelhos Mágicos**. In: Oficina G3 Acústico. São Paulo: Renascer, 1999. 1 CD. Faixa 13 (6 min 35 s).

ANTONIAZZI, Alberto. **Nem anjos nem demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**; tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRAIDO. Suelen. **Entrevista para pesquisa acadêmica**. Mensagem recebida por: <regiane\_ranieri@yahoo.com.br> em: 26 Jun.2015.

BATISTON, Cristiano A. Cris Batiston. **Quem eu sou?**. In: Casa Favorita. Pato Branco: FdH e Life, 2003. 1 CD. Faixa 11 (4 min 40 s)

BESSA, Ana Paula Valadão. Ana Paula Valadão Bessa. **Insaciável**. In: Preciso de Ti. Belo Horizonte: Ministério de Louvor Diante do Trono, 2001. 1 CD. Faixa 03 (5 min 01 s)

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História, ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BUSSINGUER, Bênlío. **Na contramão do sistema**: Disponível em: <<http://letras.mus.br/fruto-sagrado/178408/>>. Acesso em: 28 Jun.2015.

GEERTZ, Clifford. **A religião como sistema cultural**. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

JUNGBLUT, Ailton Luiz. A salvação pelo Rock: sobre a “cena underground” dos jovens evangélicos no Brasil. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, p. 144-162, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872007000200007&script=sci\\_abstract](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872007000200007&script=sci_abstract). Acesso em: 28 Jun. 2015.

MARCONDES. Louis Guilherme. **Entrevista para pesquisa acadêmica**. Mensagem recebida por: <regiane\_ranieri@yahoo.com.br> em: 01 Abr.2015.

MOURA, Louisi Francis. **Entrevista para pesquisa acadêmica**. Mensagem recebida por: < regiane\_ranie-ri@yahoo.com.br > em 07 Abr.2015.

PINHEIRO, Márcia Leitão. (2004), “**Produção musical: a periferia do meio evangélico**”. In: V CONGRESSO DA SEÇÃO LATINO-AMERICANA DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL PARA O ESTUDO DA MÚSICA POPULAR, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: IASPM-AL, 2004. Disponível em: <<http://www.iaspmal.net/wp-content/uploads/2011/12/MarciaLeitaoPinheiro.pdf>>. Acesso em: Dez. 2015.

QUINLAN, David. **Estou apaixonado**. Disponível em: < <http://letras.mus.br/david-quinlan/164938/>>. Acesso em: 28 Jun.2015.

\_\_\_\_\_. David Quinlan. **Este é o Som da Tua Noiva**. In: Fogo e Glória ao vivo. Curitiba. Ministério Fogo e Glória: 2001. 1 CD. Faixa 08 (10 min).

REDMAN, Matt. **Essência da Adoração**. Disponível em: <<http://letras.mus.br/david-quinlan/190810/>>. Acesso em: 28 Jun.2015.

RESGATE. **Papo de ‘Lóki’**. Disponível em :< <http://letras.mus.br/resgate/48455/>>. Acesso em: 28 Jun.2015.

SANCHIS, Pierre. **As tramas sincréticas da história**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo. v.10, nº. 28,p.123-138,jun. 1995.

SANTOS, Cintia Paola dos. **Entrevista para pesquisa acadêmica**. Mensagem recebida por: < regiane\_ranie-ri@yahoo.com.br > em: 4 Maio.2015.

SMITH, Martin. **A História de Deus**. Disponível em: <<http://letras.mus.br/livres-para-adorar/723975/>>. Acesso em: 28 jun. 2015.

OLIVEIRA, Gislaine Padilha de. **Entrevista para pesquisa acadêmica**. Mensagem recebida por: <gilaine\_oliver@yahoo.com.br> 30 Abr. 2015.

TÚLIO, Regis. **PG, Manga**. Pirou. In: Oficina G3 Acústico. São Paulo: Renascer, 1999. 1 CD. Faixa 08. (3 min 41 s).